

9

**Formação  
e gênese  
do ídolo**

TITE (ADENOR LEONARDO BACHI)

## RESUMO

Novos ídolos podem aparecer a todo momento. A busca por referências faz parte das nossas características. Manter-se ídolo é o grande desafio. O técnico campeão do Mundo e da Taça Libertadores da América pelo Corinthians, Tite, comenta sobre a formação e a manutenção da figura do ídolo e como a formação familiar é decisiva nesse processo.

---

**Palavras-chave:** ídolos, futebol, educação, formação familiar.

## ABSTRACT

*New idols might come up at any moment. The search for references is one of our characteristics. Maintaining the status as an idol is a great challenge. Tite, the Corinthians team coach, who won the Club World and the Libertadores of America Cup, talks about earning and maintaining the status as an idol, and how family upbringing is crucial in that process.*

---

**Keywords:** *idols, football, education, family upbringing.*

**R** eferências, comparações sempre são presentes no nosso cotidiano. É natural que tenhamos todos um espelho para seguir, copiar, tentar ser parecido. Isso acontece em todas as esferas da sociedade. A criança tem em casa a figura dos pais, avós, tios, primos como fontes de observação, de consulta e de idolatria, até mesmo. Na escola, o professor pode representar a personificação do que se quer ser no futuro. Os amigos e amigas passam a ser modelos de conduta pessoal, seja no modo de agir ou mesmo no tipo de roupa que vestem, no tipo de cabelo que usam, no modo de falar. Sempre foi assim e assim sempre será.

Essa busca da referência pode ser transportada para aqueles que ganham o *status* de serem observados por um grupo maior de pessoas ao mesmo tempo. A rotina familiar e escolar segue em paralelo enquanto personagens públicos ganham espaço no campo de visão das pessoas. São cantores, cantoras, atores, atrizes, apresentadores de televisão, políticos, esportistas em geral, que também começam a ocupar um espaço na imaginação das pessoas, situação para a qual, muitas vezes, não estão preparados.

Estamos a todo tempo “descobrimo” novos nomes que nascem do dia para a noite no cenário nacional e mundial e que, em questão de momentos, passam a ser imitados em seus trejeitos, em seu estilo de vestir, de falar e, principalmente, de se comportar. A res-

ponsabilidade aumenta em níveis estratosféricos e, em grande parte dessas situações, esse personagem não está preparado para enfrentar essa novidade.

Fazendo um exercício rápido de busca na memória, quando se fala em idolatria, aparecem as imagens dos fãs com roupas iguais às de seus ídolos, das multidões que se arrastam para *shows*, estádios de futebol, quadras de tênis, de basquete, vôlei e de tantos outros esportes, das declarações dos admiradores sobre os feitos, mas pouco se imagina o que pode acontecer por trás dessa relação.

O segredo para que se formem ídolos e, principalmente, para que eles se mantenham nesse nível está concentrado na maneira pela qual eles demonstram essa postura de referência em cada atitude corriqueira de seu cotidiano, seja profissionalmente ou nas suas relações pessoais. É aí que se separa o joio do trigo.

Trabalho com esporte desde minha adolescência. Comecei aos 16 anos como jogador, atuei profissionalmente apenas até os 27 anos por seguidas lesões no joelho, fiz faculdade de educação física, me tornei professor e, em seguida, comecei a trabalhar como treinador de futebol. Fui técnico de time de fábrica, de clube de segunda divisão no Rio Grande do Sul até

---

**TITE (ADENOR LEONARDO BACHI)** é treinador de futebol com passagem pelos maiores clubes brasileiros, tendo conquistado, entre outros títulos, o Campeonato Mundial de Clubes de 2012, pelo Corinthians. É formado em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

poder ocupar um espaço importante no cenário nacional da minha profissão. Sempre tive o foco em vencer com competência, com qualidade, com merecimento, e não a qualquer custo.

Foram valores que adquiri ao longo da minha vida, dentro da minha casa, vendo meu pai e minha mãe agirem em cada situação que a vida lhes apresentava. Com essas referências familiares fui moldando minha personalidade baseada nas atitudes deles. Nascer dentro de casa meus primeiros ídolos. A base da minha pirâmide estava pronta. O que viria depois disso iria ser permeado por essa estrutura.

O meio em que trabalho, o esporte, é um ambiente de muita competição. As pessoas constantemente são colocadas à prova, e suas respostas indicarão suas personalidades. Existe fortemente uma busca de ser o melhor, de se garantir como tal. Por uma condição natural do povo do nosso país, aquele que consegue um destaque logo é galgado a uma posição de referência e entra em uma etapa que pode ser tão difícil quanto ocupar aquele espaço.

Para entrar na seara esportiva, sempre que inicio uma conversa ou mesmo participo de algum debate que envolva a criação e a formação de um ídolo no futebol ou em qualquer esporte em geral, costumo conduzir essa questão para alguns fatores que considero fundamentais.

O primeiro deles é que o esportista não é um ser diferente de qualquer outro membro da nossa sociedade. Ele acorda de mau humor, tem dores de cabeça, briga com a esposa, sofre pressões em seu emprego, etc. Por trás desse personagem que é criado, existe uma pessoa que passa pelas mesmas situações emocionais que qualquer outra vivencia. Uma possível justificativa financeira que possa ser colocada como solução de todos os problemas é utópica e falsa. Não existe aqui também qualquer pudor em afirmar que é legítimo lutar por ter uma condição financeira mais favorável e que isso pode trazer melhores condições de vida, e é totalmente compreensível que todos lutem por receber mais dinheiro dentro de seu trabalho. Mas o principal, para que se entenda como nasce um ídolo, é compreender que ele, em sua essência, é um ser humano como outro qualquer. As oportunidades da vida o conduzem a outro *status*, e aí sua formação pessoal é que vai determinar o rumo das coisas.

Este é o segundo fator que temos que considerar. O caráter separa tudo. Muitas pessoas acabam ganhando um reconhecimento profissional que as eleva a uma

RODRIGO COCA/FOTARENA/FOLHAPRESS



condição de ídolo dentro de sua atividade. O esporte, principalmente o futebol, tem essa característica. Novos ídolos, ou “ídolos de ocasião”, nascem do dia para a noite. Um gol, uma frase, um lance acabam sendo suficientes para alçar um esportista a um nível de idolatria. A partir disso é que entra a formação pessoal do indivíduo.

Vou contar uma história familiar que ilustrará aquilo que considero melhor do que qualquer explicação para aquilo que identifico e diferencio como idolatria e referência. Certa vez, meu filho Matheus, ainda criança, me disse que tinha o jogador X como ídolo e que queria ser igual a ele. Compreendendo que meu filho nasceu e cresceu em um ambiente futebolístico pela profissão do pai e pelo gosto próprio desenvolvido com o passar dos anos, educadamente, fiz questão



O técnico Tite durante comemoração da conquista do Campeonato Mundial de Clubes da Fifa 2012

de lhe explicar aquilo que eu considerava e considero uma grande diferença entre o ídolo e aquele que você pode admirar dentro de campo exclusivamente pelos seus resultados nos gramados.

Mais do que o desempenho esportivo, um ídolo se forma pela maneira com que conduz também sua vida pessoal. O ídolo vira referência para outras pessoas, que seguirão suas atitudes, seu modo de agir, de se vestir, de se comportar em uma sociedade. E, por isso, essa pessoa deve se preocupar, sim, com sua conduta pessoal, tanto quanto com seus resultados técnicos.

Ídolos de verdade quase sempre viram eternos ou, se não ficam para o resto da vida, ocupam um espaço nos corações das pessoas, e isso deve ser tratado com muita seriedade por aquele que recebe o rótulo. A maioria das pessoas acredita que só existem flores

quando alguém se torna ídolo; afinal, quem não quer ser bajulado, amado, copiado? Mas nem tudo são flores... Costumeiramente lemos notícias de turbulências na relação do ídolo com os torcedores. Existe uma linha muito tênue separando a vida profissional e a pessoal daquele que é alçado a esse posto. E aí está outro ponto que constantemente destrói as relações de idolatria.

Chegar ao *status* de ídolo traz no pacote a perda de grande parte da individualidade. Tudo se mistura, e qualquer oportunidade que um fã possa ter de aproximação não será desperdiçada por ele, afinal é a chance da vida de ter um mínimo contato que seja com sua maior referência. Isso precisa ser compreendido e respeitado, mesmo que a pessoa não esteja no melhor dos seus dias; tudo se resume ao bom senso do momento. Mas não é uma situação tão simples assim.

Aí entra outro processo importantíssimo: a preparação para se tornar um ídolo ou a adaptação que tem que acontecer quando o caminho é inevitável. São duas situações que caminham muito próximas, ainda mais nos dias de hoje, em que existe já um conceito de preocupação maior do *staff* dos esportistas na relação com o público. Antigamente isso era mais difícil de acontecer, já que não existiam tantas fontes de informação capazes de estreitar a relação e a repercussão de qualquer ato. Os veículos de comunicação eram em número muito menor, não havia Internet, redes sociais, telefones celulares com câmeras e tantos outros meios de difundir informação.

Toda essa riqueza atual de possibilidades de comunicação faz com que exista, sim, uma preocupação maior em como se relacionar com o fã. É um bom atalho nesse caminho que é trilhado para se tornar um ídolo. Hoje em dia não há qualquer possibilidade de manutenção de uma relação desse tipo sem o uso das mídias disponíveis. Os grandes esportistas possuem, por trás de si, um grupo multifuncional de especialistas capaz de cuidar de todas as áreas de suas carreiras. São economistas, administradores, advogados, assessores de imprensa, profissionais de *marketing*, que são responsáveis por conduzir de maneira correta a “empresa” que se forma sob o nome do atleta. Delegar a divisão de funções para cada responsável deve garantir que o esportista se preocupe apenas com o que mais sabe fazer. Fazendo bem a sua parte, entra em campo o *staff*, que orientará a peça-chave na relação com o mundo do lado de fora.

Porém, nada disso vai funcionar se o ídolo não tiver talvez o fator mais importante na construção dessa idolatria: a base familiar. O maior de todos os exemplos vem de dentro de casa. Os bons exemplos serão seguidos nos momentos de maior dificuldade. A referência do pai, da mãe, dos irmãos, dos avós forma o caráter da pessoa. É no exemplo da relação dos familiares com os membros da sociedade que se solidificará o modo como aquele ser humano irá reagir em todas as situações a que for submetido.

Não se consegue dissociar o caráter da profissão. É impossível uma pessoa se enganar ou enganar os outros o tempo inteiro. A maneira como ele se porta no trabalho é reflexo do tipo de ser humano que ele é. Desvios de conduta, de caráter não formam ídolos; eles podem não ser fatores cruciais para uma pessoa ganhar destaque em sua profissão. Muitas vezes, basta apenas o que o esportista faz dentro do campo ou da

quadra para que ele ganhe destaque. A diferença é que ele dificilmente se transformará em ídolo se não tiver uma base que o sustente.

É evidente que falo aqui de uma situação perfeita, dentro de um cenário em que, se fôssemos levar ao pé da letra, pouquíssimas pessoas se tornariam ídolos, já que todos somos seres humanos e falíveis. E é por aí mesmo que tem que ser; chegar a um nível de idolatria deve ser para poucos. Não se vulgariza a posição. Poucos estão preparados para isso, até porque todos nós temos nosso lado negro, que insiste em tentar se manifestar. O controle dos nossos “anjinhos e diabinhos” é outro fator que definirá o caminho certo que cada um de nós irá trilhar.

Não é simples, tampouco tranquilo, você perder sua individualidade. A publicidade do indivíduo passa a impedir ou no mínimo dificultar atividades corriqueiras, como, por exemplo, ir a um *shopping* sem ser abordado, sem receber um questionamento, ou estar num jantar ou conversa familiar sem ser interrompido para um pedido de autógrafos. Vejam, essas são pequenas situações às quais a pessoa pública é submetida. Imaginem vocês servindo de modelo para crianças, adolescentes, que copiam seu corte de cabelo ou tatuam no corpo o seu nome ou seu rosto. A ficha demora a cair e muitas vezes não cai mesmo. Ou cai do modo errado e se transforma em arrogância.

É nesse momento que a família entra novamente em cena. A resposta para tudo está dentro de casa, com seus pais, esposas, maridos, filhos. É para eles que o ídolo deve olhar, lembrando-se de suas raízes, de quem efetivamente aguenta aquele “tranco”, na fase boa e na ruim. Deve olhar para eles e chegar à conclusão de que, antes de ser uma referência para os outros, ele deve ser para a sua família. A conduta, primeiro, tem que ser da porta para dentro, e aí, como consequência, será da porta para fora. Não dá para ser diferente.

Vejam que tudo gira em torno da formação do ser humano. Um ídolo não se sustenta sem conduta pessoal. No meu conceito de vida, ídolo só é aquele que pode servir de referência, ser copiado pelas suas boas atitudes.

Procuro sempre dar minha parcela de contribuição nesse processo cada vez que percebo uma oportunidade, seja no meu trabalho ou em casa. Compartilhar conhecimento é função de quem lidera, de quem pode servir de modelo; ouvir os ensinamentos e decidir o melhor é dever de cada um de nós, sempre. Como decidiu meu filho anos atrás.